

CARACTERIZAÇÃO DO AUTOCUIDADO PRATICADO POR GESTANTES PARA PREVENÇÃO A INFECÇÃO PELO ZIKA VÍRUS

Larissa Lima Soares¹

Larissa Cristina Terto da Silva²

Alba Maria Bomfim de França³

Enfermagem



cadernos de
graduação

ciências biológicas e da saúde

ISSN IMPRESSO 1980-1769

ISSN ELETRÔNICO 2316-3151

RESUMO

A infecção pelo Zika foi considerada a epidemia do século XXI, sendo associada à doença exantemática aguda, e em gestante uma das causadoras de malformação neonatal. Este estudo tem como objetivo caracterizar o autocuidado praticado por gestantes em prevenção a infecção pelo Zika vírus. Trata-se de um estudo com abordagem quantitativa. A amostra foi constituída por 7 mulheres, com idade igual ou maior que 18 anos, cadastradas em uma Equipe de Estratégia Saúde da Família de Maceió/AL. A coleta de dados foi por meio de entrevistas semiestruturadas. A maioria das mulheres entrevistadas apresenta conhecimento a respeito do Zika, sua sintomatologia e em sua maioria possuem a sabedoria sobre as complicações para o bebê, observou-se, também, que o autocuidado existe entre todas as entrevistadas, especialmente o uso diário de repelentes.

PALAVRAS-CHAVE

Infecção pelo Zika Vírus. Gestantes. Cuidado Pré-natal. Autocuidado. Enfermagem.

ABSTRACT

Zika infection was considered the epidemic of the 21st century, being associated with acute exanthematic disease, and in pregnant women one of the causes of neonatal malformation. This study aims to characterize the self-care practiced by pregnant women in preventing Zika virus infection. This is a study with a quantitative approach. The sample consisted of 07 women, aged 18 years or over, registered in a Family Health Strategy Team in Maceió/AL. Data collection was through semi-structured interviews. Most women interviewed have knowledge about Zika, its symptoms and most have knowledge about the complications for the baby, it was also observed that self-care exists among all interviewees, especially the daily use of repellents.

KEYWORDS

Zika Virus Infection. Pregnant Women. Prenatal Care. Self-Care. Nursing.

1 INTRODUÇÃO

Pertencente à tríade de arboviroses, como a Dengue e a Chikungunya, o vírus Zika ficou conhecido no verão de 2015 – nacionalmente e internacionalmente – por sua correlação com o nascimento de crianças com malformações fetais, a exemplo microcefalia (ALMEIDA *et al.*, 2019)

O *Aedes Aegypti* é responsável pela transmissão da arbovirose no Brasil, é resultante da picada do mosquito (fêmea) infectado seguindo a ordem homem – vetor – homem, sendo o ser humano provavelmente um dos seus principais reservatórios (LEDERMANN *et al.*, 2014). O *A. aegypti* pode ser facilmente encontrados em ambientes com uma alta densidade demográfica, ou seja, lugares que tenham maior concentração de pessoas, além disso, o abastecimento e saneamento básico estão diretamente ligados a reprodução do mosquito (ALMEIDA *et al.*, 2019)

O vírus foi descoberto no ano de 1947, em um macaco de origem asiática com o nome de Rhesus 766, na floresta tropical de Zika, situada nas proximidades de Entebbe, Uganda. Só em 1952 houve o primeiro caso dessa infecção sendo relatado em seres humanos e descrito até o ano de 2007 de infecções esporádicas sem humanos na África e Ásia (FREITAS *et al.*, 2018).

Neste mesmo ano, foi noticiado um surto a partir dos Estados Federados da Micronésia (pequena ilha situada no Oceano Pacífico), correspondendo ao primeiro diagnóstico por ZIKV para além da África e Ásia. Desde então, a infecção se espalhou para outras ilhas do Pacífico, atingindo posteriormente, o Brasil e a Colômbia (WHO, 2015).

Por apresentar sintomas inespecíficos à infecção pelo Zika vírus (ZIKV), ainda podem ser confundidas com outras infecções, 80% das pessoas que contraem o vírus não apresentam sintomas, consideradas assintomáticas. Existem também for-

mas graves, porém raras, motivo pelo qual é incomum ocorrerem hospitalizações e óbitos (NUNES *et al.*, 2016)

Considerada a epidemia do século XXI, a infecção pelo ZIKV se estabeleceu no Brasil no início do segundo semestre de 2014, tendo associação à doença exantemática aguda em gestante e uma das causadoras da malformação em neonatos pela infecção (ALMEIDA, 2018).

A microcefalia é um sinal de déficit do crescimento cerebral, sendo classificado como primária (origem genética) ou secundária (resultado de um episódio que atinge o cérebro em crescimento no período gestacional). No caso da síndrome da Zika congênita, alterações cerebrais também se apresentam no segundo e terceiro trimestre da gestação, as quais podem propiciar efeitos adversos como deficiência intelectual, epilepsia, além de distúrbios de comportamento, como o transtorno do déficit de atenção com hiperatividade e autismo (EICKMAMN, 2016). Em 2015, o Ministério da Saúde do Brasil divulga uma nota evidenciando uma possível relação entre a infecção pelo Zika e a microcefalia (CAMPOS; BANDEIRA; SARDI, 2015).

Desta forma, considerando a relevância da temática e suas repercussões na vida das famílias, questiona-se como está sendo o autocuidado promovido por gestantes em prevenção à infecção pelo ZIKV mesmo após o surto. Logo, o estudo objetivou caracterizar os cuidados realizados pelas gestantes cadastradas em uma Estratégia Saúde da Família em prevenção contra a picada do mosquito transmissor do Zika.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal descritivo e com abordagem quantitativa. Foi desenvolvido através de uma pesquisa de Iniciação Científica, onde foram utilizadas as falas de gestantes como fonte principal deste estudo, o estudo foi realizado em uma Estratégia Saúde da Família localizada no bairro de Cruz das Almas, Maceió, capital de Alagoas. A escolha por esta unidade se deu pelo critério de proximidade com a faculdade.

As participantes atenderam aos critérios de inclusão: 1) ser cadastrada pela Estratégia Saúde da Família; 2) ter idade maior de 18 anos. Previu-se a exclusão de gestantes com problemas de comunicação (ex.: surdez) e/ou em sofrimento psíquico, em virtude da limitação das pesquisadoras para a comunicação com as mulheres com essas especificidades.

Para coleta de dados realizou-se entrevistas semiestruturadas que teve como objetivo obter das pesquisadas informações escritas a respeito do entendimento do autocuidado para a prevenção da infecção pelo vírus a partir das questões contidas em formulário próprio, criados para fins do estudo com uma primeira etapa de caracterização das mulheres e a segunda relacionada as práticas de autocuidado. As entrevistas foram realizadas na sala de espera da unidade de Estratégia Saúde da Família, durante o atendimento de pré-natal.

O formulário era composto por 11 questões. Também foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para todas as participantes da pesquisa, sendo este, um documento de obrigatoriedade para realização da pesquisa, o TCLE

foi assinado por todas as gestantes entrevistadas. Portanto, os princípios éticos por esse estudo foram dentre outros a autonomia, a justiça e a equidade no intuito de assegurar o anonimato das mulheres.

O estudo foi aprovado ao Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário Tiradentes do Estado de Alagoas (UNIT/AL) por meio do parecer 2.743.676, respeitando a Resolução 466/2012.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com o boletim epidemiológico de maio de 2016 do Ministério da Saúde (MS) foram confirmados 1.384 casos de microcefalia e outras alterações do sistema nervoso, sugestivos de infecção congênita, em todo o país. No total, foram notificados 7.343 casos suspeitos desde o início das investigações (outubro de 2015) ocorrendo em 499 municípios, localizados em 26 estados, sendo que 2.492 foram descartados. Outros 3.580 estão em fase de investigação (BRASIL, 2016).

O Ministério da Saúde divulga ainda que apenas 207 casos foram confirmados por critério laboratorial específico para o vírus Zika, ressaltando que esse dado não representa a totalidade de números de casos relacionados ao ZIKV, há ainda uma consideração de que houve infecção pelo vírus na maior parte das mães que tiveram os bebês com diagnóstico final de microcefalia. Em Alagoas foram confirmados 65 casos de microcefalia e/ou malformações sugestivas da infecção pelo ZIKV, na mesma época 75 casos ficaram em situação de investigação (BRASIL, 2017).

Por isso, torna-se extremamente importante verificar as práticas do autocuidado exercidos pelas gestantes, e, para que isso aconteça, é necessário que estejam motivadas e informadas, conhecer as práticas e as reais necessidades de autocuidado exercida por elas proporciona aos profissionais de saúde reconhecer essas modificações e intervir por meio de orientações específicas durante a consulta de pré-natal (SILVA *et al.*, 2014).

Dito isto, no ano de 2018 realizou-se a busca por gestantes para identificar as práticas de autocuidado em prevenção a infecção, representados pelas variáveis: idade, estado civil, grau de escolaridade, número de gestações, realização pré-natal e informações sobre o conhecimento do Zika vírus, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1 – Caracterização da amostra quanto às variáveis: idade, estado civil, grau de escolaridade, número de gestações, realização pré-natal. Maceió (AL), Brasil, 2018

Variáveis	n	f (%)
Idade por faixa etária (anos)		
17 a 23	2	28,57
26 a 27	3	42,86
29 a 36	2	28,57

Variáveis	n	f (%)
Estado civil		
Solteira	2	28,57
Idade por faixa etária (anos)		
Casada	3	42,86
União estável	2	28,57
Grau escolaridade		
Analfabeta	0	0
E. Fundamental	4	57,14
E. Médio	2	28,57
E. Superior	1	14,29
Número de gestações		
0 a 1 gestação	2	28,57
2 a 3 gestações	5	71,43
Número de partos		
Nenhum parto	2	28,57
2 a 4 partos	5	71,43
Número de abortos		
Nenhum aborto	7	100,0
Realiza o pré-natal		
Sim	7	100,0
Não	0	0
Total	7	100,0

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

No que se refere ao conhecimento e prática de autocuidado pelas mulheres a Tabela 2 mostra que, abordando as complicações da infecção pelo Zika vírus para o bebê apenas uma gestante não conhecia, as demais gestantes responderam entre “má formação” e “microcefalia”, quando nos referirmos qual método adotado por elas na prevenção, as entrevistadas relataram usar redes mosquiteiras, e repelentes. A realização do pré-natal foi unanimidade entre as mulheres, todas relataram ter feito as consultas de pré-natal das gestações anteriores.

Tabela 2 – Caracterização das informações sobre o conhecimento sobre o Zika vírus. Maceió (AL), Brasil, 2018

Variáveis	n	f (%)
Como ficou sabendo sobre o Zika vírus		
Televisão	3	42,86
Pessoas próximas	1	14,29
Enfermeiro	1	14,29
Posto de Saúde	2	28,57
Quais os sintomas		
Febre	2	28,57
Pintas vermelhas	2	28,57
Dores	3	42,86
Como se previne		
Uso de repelentes	6	85,71
Uso de telas	1	14,29
Complicações da infecção pelo ZIKV		
Não conhece	3	42,86
Malformação	3	42,86
Microcefalia	1	14,29
Total	7	100,0

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

As entrevistadas se previnem em 85,71% com uso de repelentes, e utiliza de tela de proteção 14,29% das gestantes. Percebe-se que em relação ao autocuidado há pouco conhecimento sobre formas de prevenção da doença, utilizam de apenas um método de prevenção; parte das entrevistadas souberam de informações através da televisão e postos de saúde.

Segundo a secretaria de saúde do Distrito Federal a mulher gestante acompanhada pelo Sistema Único de Saúde, tem direito de receber de forma gratuita repelentes, durante todo o pré-natal. Acredita-se ser este o motivo da afirmação das gestantes a prática do autocuidado pelo uso do repelente (BRASIL, 2018).

Segundo o MS a proteção contra as picadas dos mosquitos é uma medida primordial, podendo ser feita pelo uso de roupas que cubram a maior parte do corpo possível e, de cor clara; barreiras físicas, como redes nas janelas ou fechando portas e janelas; dormindo sob a proteção de redes mosquiteiras; uso de repelente de insetos (contendo DEET – sintético, IR3535 – sintético, Icaridina – natural e/ou citronela) entre outros (BRASIL, 2018); identificação precoce de gestantes previamente infectadas pelo vírus (SALGE *et al.*, 2016).

Pensar sobre autocuidado é assumir hábitos saudáveis, que podem ser em relação à alimentação, à atividade física, ao lazer ou a outras mudanças que promovam o bem-estar e evitem o surgimento ou complicações de algumas doenças e ainda, olhar para si, observar e escolher ações e formas para cuidar de sua própria saúde (BRASIL, 2016).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Independente do grau de escolaridade e número de gestações as mulheres apresentam o conhecimento a respeito da infecção pelo ZIKV, descrevem os sintomas corretos e em sua grande maioria possuem a sabedoria sobre as complicações para o bebê por meio da síndrome congênita.

Foi observado também que as maiores fontes de informações das gestantes são redes de comunicação como a televisão e os postos de saúde, demonstrando uma consulta de pré-natal eficaz. E como resposta ao questionamento e ao objetivo primário deste projeto, observou-se que o autocuidado existe, sendo ele muitas vezes a prática do uso diário de repelentes, promovendo a proteção da mulher exposta ao vírus.

Apesar de passados três anos após o surto da epidemia no Brasil, diferentes impactos ainda podem ser evidenciados, em especial na vida das mães que tiveram seus filhos nesta condição. Ressalta-se então, a necessidade de mais estudos acerca do tema, de preparo dos profissionais para reforçarem que mesmo após anos do surto no Brasil e em especial no Estado de Alagoas é necessário que todas as mulheres se cuidem para evitar complicações na gestação, devido a infecção pelo vetor do vírus ou até mesmo outros tipos de doenças. Mostrando sempre as boas práticas de autocuidado para as mulheres em seu ciclo-gravídico, com finalidade de demonstrar orientações de proteção contra a infecção pelo Zika vírus, com o objetivo de sanar todas as suas dúvidas, sempre esclarecendo e orientando sobre os possíveis danos que o vírus pode causar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. S. **Distribuição espacial dos casos de infecção por Zika vírus na região metropolitana de Maceió, Alagoas**. 2018. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Tecnologias e Políticas Públicas) – Centro Universitário Tiradentes, Maceió/AL, 2018.

ALMEIDA, L. S. *et al.* Distribuição dos casos de infecção por vírus Zika vírus (ZIKV) na Região Metropolitana de Maceió. **Revista Franco-Brasileira de Geografia**, Sergipe/AL, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/21976>. Acesso em: 17 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Zika vírus: o que é, causas, sintomas, tratamento, diagnóstico e prevenção**. 2018. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/zika-virus>. Acesso em: 22 set. 2019

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde amplia público beneficiado com repelente gratuito**. Brasília: Secretaria de Saúde do Distrito Federal, 2018. Disponível em: <https://www.saude.df.gov.br/saude-amplia-publico-beneficiado-com-repelente-gratuito/>. Acesso em: 26 ago. 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico**: Monitoramento dos casos de dengue, febre de chikungunya e febre pelo vírus Zika até a Semana Epidemiológica 52, 2016. Secretaria de Vigilância em Saúde. Vol. 48, n. 3, p. 1-10. 2017. Disponível em: http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/fevereiro/05/2017_002-Dengue%20SE52_corrigido.pdf. Acesso em 02 dez 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico**, 2016. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/cidadao/principal/agencia-saude/23534-microcefalia-ministerio-da-saude-confirma-1-271-casos-no-pais>. Acesso em: 15 jul. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Zika abordagem clínica na atenção básica**. Brasília: Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, 2016. Disponível em: http://www.saude.pi.gov.br/uploads/warning_document/file/276/livro.pdf. Acesso em: 1 jan. 2019.

CAMPOS, G. S.; BANDEIRA, A. C.; SARDI, S. I. Surto de vírus Zika, Bahia, Brazil. *Emerging Infectious Diseases*, v. 21, n.10, p.1885-1886, out. 2015. Centers for Disease Control and Prevention (CDC). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3201/eid2110.150847>. Acesso em: 24 jul. 2019.

EICKMANN, S. H. *et al.* Síndrome da infecção congênita pelo vírus Zika. *Caderno de Saúde Pública*. **Cad. Saúde Pública**, v. 32, n. 7. Rio de Janeiro, jul. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2016000700601&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 13 set. 2019.

FREITAS, P. S. S. *et al.* O surto do Zika vírus e a produção científica após Declaração de Emergência Nacional em Saúde Pública. **Arch Health Invest**, v. 7. Espírito Santo, jan. 2018. Disponível em: <http://191.252.194.60:8080/bitstream/fdv/270/1/2285-10026-3-PB.pdf>. Acesso em: 19 set. 2019.

LEDERMANN, J. P. *et al.* Aedes triseriatus como um vetor potencial dos vírus Chikungunya e Zika. **PlosNeglected Tropical Diseases**, v. 8, e3188, 2014. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25299181>. Acesso em: 15 jul. 2019.

NUNES, M. L. *et al.* Microcefalia e vírus Zika: um olhar clínico e epidemiológico do surto em vigência no Brasil. **Jornal de Pediatria**, v. 92, n. 3, p 230-240, maio/jun. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3997/399745785004.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2019.

SALGE, A. K. *et al.* Infecção pelo vírus Zika na gestação e microcefalia em recém-nascidos: revisão integrativa de literatura. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 18, 31 mar. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fer/article/view/39888>. Acesso em: 23 set. 2019.

SILVA, S. R. *et al.* Práticas de autocuidado desenvolvidas por gestantes atendidas em um ambulatório de pré-natal. **Rev. Eletr. Enf.**, v. 16, n. 4, p. 812-821, out./dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v16i4.21779>. -doi: 10.5216/ree.v16i4.21779. Acesso em: 17 jul. 2019.

WHO – World Health Organization. Surtos de vírus Zika nas Américas. **Weekly Epidemiological Record**, v. 90, n. 45, p. 609-610, 2015. Disponível em: <http://www.who.int/wer/2015/wer9045.pdf?ua=1>. Acesso em: 30 jul. 2019.

Data do recebimento: 5 de Outubro de 2021

Data da avaliação: 9 de Dezembro 2021

Data de aceite: 9 de Dezembro de 2021

1 Acadêmica do curso de Enfermagem pelo Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.

E-mail: larissalyma@hotmail.com

2 Acadêmica do curso de Enfermagem pelo Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.

E-mail: tertolarissa@hotmail.com

3 Mestra em Enfermagem; Enfermeira Obstétrica; Professora do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. E-mail: albambf@hotmail.com